

IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE EM *OLHOS D'ÁGUA*: UM OLHAR SOBRE A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Adelia Maria de Souza Lima¹

RESUMO: Este artigo analisa a contribuição de Conceição Evaristo para a literatura afro-brasileira, destacando sua trajetória marcada por resistência e afirmação identitária. Inserida no movimento que valoriza vozes historicamente silenciadas, a autora propõe o conceito de *escrevivência*, que articula memória, ancestralidade e protagonismo feminino. Desde sua estreia nos *Cadernos Negros* (1990), publicou romances, contos e poesias traduzidos para diversos idiomas, como *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Olhos d'água* (2014). Suas narrativas ressignificam experiências de mulheres negras e contribuem para a democratização da literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo. Escrevivência. Protagonismo feminino. Identidade negra.

IDENTIDAD Y ASCENENCIA EN *OLHOS D'ÁGUA*: UNA MIRADA A LA ESCRITURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RESUMEN: Este artículo analiza la contribución de Conceição Evaristo a la literatura afrobrasileña, destacando su trayectoria marcada por la resistencia y la afirmación de la identidad. Inmersa en un movimiento que valora las voces históricamente silenciadas, la autora propone el concepto de escritura, que articula la memoria, la ascendencia y el empoderamiento femenino. Desde su debut en *Cadernos Negros* (1990), ha publicado novelas, cuentos y poemas traducidos a varios idiomas, como *Ponciá Vicêncio* (2003) y *Olhos d'água* (2014). Sus narrativas redefinen las experiencias de las mujeres negras y contribuyen a la democratización de la literatura brasileña.

Palabras clave: Literatura afrobrasileña. Conceição Evaristo. Escritura. Empoderamiento femenino. Identidad negra.

Introdução

Considerar a mulher como protagonista de sua própria história e através do olhar feminino do contar a história com outras perspectivas, tem sido a tarefa de escritoras que fazem parte deste movimento da literatura afro-brasileira, que se encontra em processo, mas que não para de produzir e efetivar suas condições. Nesse viés que nos deparamos com a escritora Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946, filha de mãe lavadeira, que lutava para criar as quatro filhas, abandonadas pelo pai, então a mãe conhece um

¹ Doutora em Estudos Literários. Mestre em Linguística. Pesquisadora na área de Literatura Africana. E-mail: adelia.maria@unemat.br

pedreiro e casa-se com ele e arranja mais cinco filhos. A autora fala sobre o sofrimento da mãe pela vida difícil que tinham. Aos sete anos ela vai morar com uma tia e vê a oportunidade de estudar, para ajudar na casa ela organiza os afazeres domésticos. Então precocemente começou a trabalhar pela vizinhança como doméstica e ainda buscava e levava as trouxas de roupas das patroas para auxiliar a tia que também era lavadeira. Mais tarde mudou-se, em 1973, para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela UFRJ e seguiu carreira no magistério, doutora em Literatura Comparada (UFF) lecionando na rede pública fluminense até aposentar-se no ano de 2006.

Participou de movimentos com temas voltados a valorização da cultura negra brasileira, iniciou sua carreira em 1990 com publicações de poemas e contos na série Cadernos Negros. Daí em diante suas obras passaram a fazer parte do meio literário, com ênfase em questões sociais. Foi homenageada na França (2021), com a tradução de sua obra Olhos d'água, com o Prêmio de Obra Poética da academia Claudine de Tencin. Também homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti 2019 e vencedora do Prêmio Jabuti 2015.

A literatura afro-brasileira é um importante veículo para aproximar os leitores da cultura e perspectivas que envolvam o povo negro, a partir dela podemos visualizar e compreender vários usos e costumes livres de atravessamentos.

(...) a literatura pode dar a ver situações que são tornadas “invisíveis” e, assim, contribuir minimamente para a sua discussão, é importante que sejam inseridas novas vozes, provenientes de outros espaços sociais, em nosso campo literário. Afinal, são essas vozes autorais que podem, efetivamente, acrescentar substância e originalidade à literatura brasileira (Dalcastagné, 2014, p. 299).

Conceição Evaristo, traz o protagonismo feminino, que se configura com o pensamento de Dalcastagné, que ressalta a importância desta literatura, de forma a entender as mulheres negras e pobres como parte fundamental desse processo de construção da identidade da mulher brasileira, e livrarmos de costumes antes inculcados e implantados de forma a destorcer a real formação de nosso povo, é um passo importante para a democratização de nossa vida cultural e de nossa vida urbana.

Como dito antes, Evaristo estreou publicamente em 1990, quando seis poemas de sua autoria foram incluídos na publicação do volume 13 de Cadernos Negros, periódico que circulava desde 1978, e tinha como princípio propagar a cultura e a produção da escrita afro-brasileira, tanto em prosa quanto em verso. É autora de vários sucessos, como: *Ponciá Vicêncio* (2003), romance trazido para a língua inglesa, francesa e espanhola. *Becos da Memória* (2006) romance, traduzido para a língua francesa, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008)

poesia que faz parte da série *Cadernos Negros*. E os livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), contos e novela e por último, *Canção para ninar menino grande* (2018), romance.

Tomemos como exemplo, a obra *Olhos D'água*, (2014), uma coletânea com quinze contos que abordam principalmente a condição feminina a partir do conceito, por ela formulado, de escrevivência, e com isso, apresenta a escrita das vivências de um corpo feminino negro no contexto pós-colonial do Brasil. E as histórias narradas nesse compendio se entrelaçam ao relatarem também histórias de mulheres e homens negros que sofreram e sofrem os mais diferentes tipos de violência e depreciação na sociedade.

Todavia, percebemos que logo no primeiro conto que leva o título do livro, a autora não fica apenas relatando sofrimentos, ela envolve o leitor em um contexto de ancestralidade e identidade afro-brasileira que transcende e vai além, e de forma serena, acalenta a dura realidade de seus personagens. Como vemos no fragmento do primeiro conto, quando é narrado, a volta da personagem que não lembrava da cor dos olhos da mãe e ao final ela reencontra:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas (Evaristo, 2016, p. 18-19).

Vemos então que, apesar do sofrimento dessa mãe na luta e resistência para criar seus filhos, o sentimento de amor era algo maior, o que tirava a condição de desespero daquela família e então, essa personagem adulta retrata suas lembranças, para reavivar seus afetos familiares e tem na mãe seu porto seguro, que mais tarde, vê sua filha nessa mesma busca. Assim a protagonista, ao tentar reaver suas lembranças, mergulha em sua própria história e deixa de ser a filha e passa a ser a mãe, protetora e a responsável por dar continuidade às suas origens.

Nessas narrativas e personagens, Evaristo se inclui, e acaba nos revelando um pouco de si e suas histórias de luta e superação em meio a uma sociedade desigual e falocrática.

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu- agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente (...). (Evaristo, 2009, p. 01).

Evaristo criou o termo *escrevivência*, para designar acontecimentos e fatos importantes vividos por ela ou por pessoas as quais estiveram ao seu redor, desse modo, essa escrita brota dos acontecimentos habituais, experienciados ou observados e também das memórias de fatos narrados no decorrer de sua vivência. Evaristo nos lembra que a escrita é subjetiva, e humanizadora, pois nela os leitores se encontram e deparam-se com eventos similares, Segundo Evaristo, a nossa *escrevivência* não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p.54).

A *escrevivência* configura em uma forma de luta contra o racismo, o preconceito e o machismo que se configuram na sociedade brasileira contemporânea, denunciando as opressões e exigindo mudanças, reivindicando os direitos da mulher negra desde os mais básicos até os mais complexos, Evaristo narra em suas obras a escrita da existência, e faz com que as experiências de vida sejam lembradas e busca ressignificar através de palavras, valores distorcidos pela literatura europeizada, disseminada no Brasil. A autora destaca que:

O prazer da literatura é justamente perceber que ela tem ressonância e volta justamente para nós mesmas. A maior felicidade é perceber que você é lida entre os seus e que sua escrita tem sentido. O primeiro espaço que legitimou e valorizou o meu texto foi o movimento negro, especialmente as mulheres negras (Evaristo apud Alves, 2016, p.1).

Desta maneira, a literatura afro-brasileira desconstrói estereótipos, renuncia as “verdades” impostas e se liberta e ao mesmo tempo que se liberta participa na reconstrução da autoestima das novas gerações. Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados.

Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A *escrevivência* das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205, grifo da autora).

Assim, a escrita de Evaristo viabiliza a um pertencimento, ou seja, a figura da mulher negra passa a fazer parte e ter importância na sociedade, a partir das personagens criada pela autora, o leitor se identifica e suas experiências literária passam a significar no processo de afirmação de sua identidade. A respeito dessa literatura contemporânea, que integra o negro como protagonista de seus anseios e realizações, Bernd, destaca que:

Não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e assimilar um discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos (Bernd, 1988, p. 22).

Nos escritos de Evaristo, a voz feminina é destaque e condução para exaltar as condições em que a mulher negra está inserida socialmente, no intuito de refletir e lembrar fatos históricos ou pessoais, e assim através da textualidade mostrar as condições sociais e culturais dos afrodescendentes. Dito isso, Duarte e Fialho, enfatizam que:

São narrativas marcadas por intensa dramaticidade e conduzidas de forma a transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. Barracos e calçadas, bordéis e delegacias compõem o território urbano em que se defrontam os excluídos de todos os matizes e gradações, mas deixando nítida na mente do leitor qual a cor da pobreza brasileira. No entanto, a autora escapa das soluções fáceis, não glamouriza o morro, nem investe no realismo brutal que termina transformando a violência em mercadoria. Seus contos aliam a denúncia social a um lirismo trágico, que remete ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados como seres sensíveis, marcados não apenas pelos traumas da vida lúmpem, mas também por desejos, sonhos, lembranças. (Duarte e Fialho, 2021, p. 03).

Nesse âmbito, na obra *Olhos D'água*, a maioria dos títulos dos contos que compõe a publicação são construídos pelo nome e sobrenome de seus protagonistas, entre esses, podemos destacar: Ana Davenga, Duzu-Querença, Maria, Luamanda, Di Lixão e Lumbiá. O prefácio de abertura aponta uma das assinaturas da autora, ou seja, escrever a partir de um lugar de expressão, que é também, sobretudo, a experiência de viver a narrativa e o quanto dessas obras negras e femininas se embaralham dentro das frágeis linhas que tentam separar, mas sem muito sucesso, a realidade da vida, ficção dos sonhos. Dessa forma, tudo isso acaba por provocar a identificação imediata do leitor com a narrativa que está sendo lida e compartilhada. Como mencionado, a narrativa do livro é costurada e nutrida pelos gritos de personagens que florescem e mendigam, mesmo em silêncio, nos lugares de opressão e subserviência que lhes foram atribuídos ao longo da história. E que a partir dessa construção identificatória, passa a ser compor e marcar seu eu e sua representatividade no meio social.

Desta forma, Evaristo aborda nessa coletânea de contos, assuntos como a fome, que é fator principal no primeiro conto da obra, a desigualdade social e uma das grandes dificuldades dos afrodescendentes, em arranjar um emprego e ser tratado com o devido respeito no meio social, como é retratado no Conto Maria, a qual é linchada apenas por demonstrar amizade por um passageiro do ônibus, no qual ela fazia o trajeto para casa, e ainda fala também sobre bala

perdida em Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos, gravidez na adolescência e a necessidade de sobrevivência, em Quantos filhos Natalina teve? Enfim, são quinze contos que a autora retrata as duras condições vividas pelos afrodescendentes, que apesar de serem a grande maioria no Brasil, são minorizados socialmente.

Evaristo dialoga com as demandas, por respeito, justiça e igualdade. Sua escrita toca fundo nos corações e mentes daqueles que se importam e buscam pelo mesmo ideal. Assim, da mesma forma que conectamos com o tempo presente, podemos ir além das fronteiras geográficas, o aqui e agora permite ir além e cruzar as fronteiras dos séculos e voltar ao começo e examinar as causas.

Olhos D'água produz um belo entrelaçamento entre o assunto a ser tratado e o lirismo no desenrolar da trama, devido ao uso de estruturas de linguagem da autora, com finais precisos e conexões com a história. Essas histórias estão cheias de lágrimas, violência, linhagens, crenças e sentimentos. A voz não se cala diante dos acontecimentos narrados ou da natureza subjetiva da criação literária. Possivelmente por conta disso, a obra instiga comoção e leva o leitor por caminhos da dor poética, promovido pela literatura.

Deste modo, Duarte a compara a uma das próprias personagens Ponciá, o primeiro romance da autora, para relatar sobre as memórias que permeiam as obras de Evaristo recontando os feitos e efeitos das condições de vivências do povo negro representado em cada história.

Herdeira da memória familiar, Ponciá Vicêncio segue os passos de Conceição Evaristo, também esta herdeira da forte linhagem memorialística (no sentido amplo da expressão) na literatura afro-brasileira. Como Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto Carolina Maria de Jesus, Conceição traz a narrativa dos despojados da liberdade, mas não da consciência. E a repetição insistente dessa presença desvalida nos incomoda e nos diz de uma aurora ainda à espera do sol... A fala diaspórica desses condenados da terra se articula de forma sincrônica e a posteriori, desconhecendo a encarnação do espírito de nacionalidade que marca boa parte da literatura brasileira canônica, a fim desconstruir sua marcha triunfal suplementando-a com o prefixo afro (Duarte e Fialho, 2021, p. 04).

Diante do asseverado, a literatura afro-brasileira não visa apenas os negros, mas busca ampliar esse público para que assim possa haver uma valorização efetiva e uma reconstrução cultural, antes considerado negativo, agora passa a ter um olhar positivo. Além de desconstruir conceitos e estereótipos que rebaixem ou neguem o negro, essa literatura permite explorar elementos que elevam a sua condição e identidade.

Assim, aos poucos vamos conhecendo as vivências através das narrativas dessa autora e a partir de suas personagens perceber as mudanças e o fazer literário para se constituir como

sujeito e a partir disso, mudar a visão de mundo dessa sociedade que os renega. As personagens de Evaristo representam a vivência de milhares de brasileiros e brasileiras que vivem condições similares, que buscam melhorias de vida e ao longo do processo vão percebendo que as condições sociais, históricas e culturais os renegam a um lugar à margem da própria sociedade que vivem.

As mulheres negras desenhadas por Evaristo tentam se desprender das amarras que as prenderam por anos de subalternidade, e assim a autora dá alíveia para que elas se refaçam e construam seus caminhos. Por assim dizer, Duarte destaca que:

Conceição Evaristo vem trazendo a público, desde o início dos anos 90, uma literatura que transita do poema para o conto e deste para o romance. Sua produção poética é marcada por certa diversidade temática. De início, destaca-se a presença de uma voz feminina que promove a denúncia e a reflexão, exalta a memória – afetiva ou étnica –, como instrumento capaz de constatar fatos pessoais ou histórico sociais, e canta a religiosidade híbrida brasileira, tudo isto no intuito de inscrever textualmente a realidade social e cultural dos afrodescendentes. Essa voz se faz audível ao abordar os aspectos da vida cotidiana da mulher, com seus dilemas e angústias, diante de uma sociedade marcada pelos valores patriarcais (Duarte e Fialho, 2021, p. 01).

Antes apresentada apenas pelo gênero masculino, o que perpetuava nesse sistema, segundo Mata (2013), era uma *subjetivação enunciativa*, arraigado aos moldes patriarcais há tempos inserido ao meio, sobre as relações de poder e por *um autorreflexividade*, o que imputa em mudanças no sentido de ver ou perceber a figura da mulher no meio literário, não como estereótipo de sexualidade ou subversividade, entre outros, mas tê-la em suas potencialidades. Entre outras ponderações, semelhanças e diferenças, exigem reflexões que motiva o pensamento, voltado a atitudes de superação e de avanço histórico dos minorizados socialmente. Visto desta forma, Mata (2013), reforça que:

Em uma confluência de ginocrítica com o olhar crítico feminista (Macedo; Amaral, 2005, p.88), pode-se perceber como as próprias mulheres se foram posicionadas ao longo dos tempos em relação a questões nacionais e específicas, locais e universais. Porém, note-se que essa mudança tem também a ver com o modo de ler o que as mulheres escrevem, isto é, as estratégias de leitura instrumentalizadas pela categoria do gênero a fim de fazer do ato de leitura uma mediação contra a centralidade de um sujeito flexionado por um único gênero, o masculino (Mata, 2013, p.152).

Desta maneira, o leitor passa a perceber os valores contidos na obra através da leitura, não nas verdades ou inverdades contidas e apresentadas, mas a partir de uma recriação formulada através da leitura, assim a distinção entre o gênero que está sendo evidenciado funciona como um processo de identificação, por isso faz-se tão valioso que a escrita feminina

possua uma estratégia de leitura no intuito de visibilidade às questões que envolvam a metalinguagem sobre a mulher.

Diante do asseverado, notamos que mulheres escritoras possam trazer questões sociais visíveis diante do olhar feminino, e essa subjetividade com uma visão de dentro para fora é uma forma de inclusão, onde a representatividade a partir da obra possa expor os acontecimentos que representa muitas mulheres espalhadas pelo mundo todo que se identifica e passa a se posicionar e se reestruturar diante da decolonialidade.

A respeito dessa escrita feminina tomemos como exemplo as obras de Chiziane (Moçambique), autora de renome internacional, no sentido de que as personagens femininas de Chiziane dialogam com as de Evaristo, pois tira a mulher daquele lugar de subserviente e vai à procura de um posicionamento no meio social. Segundo Padilha (2013), a autora ao trazer a mulher como protagonista em suas obras, aponta dupla forma de exclusão:

Ao escolher as mulheres como símbolo de uma resistência ainda possível, Paulina mostra, por um lado, como elas foram e/ou ainda são cerceadas por leis tradicionais autóctones, e de outro, as limitações, igualmente impostas pelos usos e costumes transplantados pela colonização branco-europeia. A postura ética da ficcionista leva a denunciar a dupla forma de exclusão e a necessidade de se reverter a ordem patriarcal dominante (Padilha, 2013, p.07).

Notamos que, o preconceito estrutural arraigado as raízes da sociedade, faz com que a exclusão social seja em dose dupla para as mulheres, que eram desmerecidas por serem negras e por serem mulheres, desse modo a literatura africana e afro-brasileira visa sanar parte desses danos que provocaram o abafamento da cultura do povo negro e principalmente da mulher negra. Apesar da autora da citação estar tratando de Chiziane a ideia coaduna com as narrativas de Evaristo e, portanto, vemos que em relação à aceitação do negro e as mudanças de atitudes que desrespeitem e os menosprezem, nossa sociedade ainda carrega fortes resquícios do colonialismo, que devemos combater com veemência para que possamos viver em meio realmente equânime.

Desse modo, trabalhar a literatura afro-brasileira no ensino é um método que deve ser efetivado nas escolas, essas que em grande maioria ainda relutam e passam pelo assunto de forma muito superficial e valoriza mais o ensino da língua portuguesa do que o ensino da literatura. E ao deixar de lado o exercício do letramento literário, o professor desvia de uma necessidade importante na vida do educando, atrofiando o exercício da leitura literário, pois como afirma Cosson (2021):

[...] é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos (Cosson, 2021, p.16).

E para apresentar suas experiências algumas vividas outras imaginadas, mescladas de ficção e realidades, Evaristo apresenta suas obras recheadas de reflexões, aprofundadas nas desigualdades raciais brasileiras, seus textos são valiosos retratos da vida cotidiana, ferramentas que apontam para a opressão racial e de gênero, mas também com seus escritos pretendem recompor a cultura e a ancestralidade, deliberadamente apagado pelas imposições lusitanas.

Com isso, Evaristo se destaca no meio literário pelo fato de trazer assuntos que antes eram renegados e desmerecidos por se tratar de temas que envolvem as mulheres, que atualmente ganham seus espaços e estão emparelhados os homens em relação a competências e direitos. Nessa perspectiva, o destaque é para a mulher negra que se sobressai e alcança seus objetivos de independência e faz sua própria história, a autora justifica essa ideia e menciona que:

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos (Evaristo, 2020, p. 30).

Duarte (2020) ressalta em uma entrevista que, a escrita de Evaristo revela um realismo contundente e poético, as agruras e sonhos da maioria de nossa população, a autora investe no papel de interprete de seu tempo, de seu povo, enquanto consciência crítica, exatamente desse tempo. Estar conectada a seu tempo, implica ir além das fronteiras geográficas, para captar não só “um difuso sentimento do mundo”, segundo Drummond, mas sobretudo, realidades outras, no que tem de semelhante e de diferente da nossa realidade problemática, que exigem a reflexão e motiva o pensamento voltado para atitudes de superação e de avanço histórico (Duarte, 2020, pdf).

Notamos que, obra Olhos D’água, de Evaristo se divide em dois aspectos distintos que não se desviam mutuamente. A história que abre o início da obra (Olhos D’água) e a história do final da obra (Ayoluwa, Alegria do Nosso Povo) traçam um fio condutor, levantando questões sobre ancestralidade e identidade, temas que fizeram parte das vivências da autora ou que de certa forma, ela vivenciou. A história entre essas duas narrativas se desenvolve no desenrolar dos outros contos: (Ana Davenga, Duzu-Querença, Maria, Quantos filhos Natalina

teve? Beijo na face, Luamanda, O Cooper de Cida, Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos, Di lixão, Lumbiá, Os amores de Kimbá, Ei, Ardoca, e A gente combinamos de não morrer) estão cobertos por uma série de violência, que se multiplicará em temas diversas como estupro, assassinato, linchamento, fome e outros males que assolam o povo negro.

Podemos dizer que, a escrita de Evaristo é cativante pelo fato da autora trazer temas de violência urbana e preconceitos que impactam, porém, a autora consegue descrevê-los com tamanha leveza, que prende a atenção do leitor que deseja ir até o final. Ao avaliarmos o processo literário de Conceição Evaristo em *Olhos D'água*, notamos um traço marcante da história que incorpora um lado violento, um "brutalismo poético", entendido neste caso por apresentar linguagem dura e elementos semânticos da narrativa, mas não menos poético. Como destaca Duarte (2013):

[...] a autora vem firmando um estilo em que se nota a mão da poetisa a trançar linhas e contornos dos enredos. Em sua ficção, momentos da mais intensa candura são quebrados pela irrupção repentina da violência, tanto física quanto simbólica. E, ao contrário do que se vê em muitos autores, não busca Evaristo amenizar ou adocicar a dureza de um cotidiano marcado pelo tratamento o mais das vezes desumano de que são vítimas seus personagens. Do contraste ao sobressalto, as cenas ganham intensidade e chocam mais por seus efeitos do que pela exposição da violência em si. Tem-se, deste modo, o descarte tanto da brutalidade como espetáculo, quanto de sua naturalização como inerente ao processo histórico, ambas atitudes comuns nas representações midiáticas do negro (Duarte, 2013, p. 151).

Evaristo também usa o conhecimento de sua ancestralidade, para nomear personagens inspirados nas culturas africanas bantu e iorubá. Essa intervenção se estende ao tema da narrativa, pois as referências às narrativas mitológicas africanas são apresentadas as vezes como poderosas metáforas, que se alternam, e as vezes como alegorias que podem se referir direta e/ou indiretamente à diáspora africana no passado brasileiro e seu impacto sobre nós. A autora sugere um olhar que discuta questões sociais, culturais e religiosas relacionadas às adversidades em que o meio social impõe, desse modo, suas narrativas levanta questionamentos e traz à tona a necessidade da empatia, o que faz o leitor se colocar no lugar do outro, de entender o mundo pela perspectiva daquele que narra, de suas personagens e suas tramas. Dessa forma, Em *Olhos D'água*, a autora insere sua voz e ponto de vista autoral no texto sem abandonar o trabalho estético, fugindo do conteúdo sensacionalista de teor "panfletário".

A poesia de Conceição Evaristo enfatiza a abordagem dos dilemas identitários dos afrodescendentes em busca de afirmação numa sociedade que os exclui e, ao mesmo tempo, camufla o preconceito de cor. A descrição da dor, do sofrimento negro e da sua desesperança faz-se de modo incisivo (Duarte e Fialho, 2021, p. 01).

Evaristo tem seu trabalho voltado para protagonistas negras e como a própria autora comenta, que a partir das mulheres as histórias são contadas com um olhar de dentro para fora, então a autora dá vida às suas personagens para descrever a luta e a vivência das mulheres em meio a uma sociedade que deve aceitar as diferenças, no sentido de descortinar a força e a presença da mulher como indivíduo social e protagonista de sua identidade e a partir disso conceituar novos sujeitos no cenário político e social.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Alê. **Homenageada com poemas e cantos, Conceição Evaristo lança sexto livro.** Ponte Jornalismo. 17 ago. 2016.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática.** 2ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea.** Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 44, p. 289-302, jul./dez. 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. FIALHO, Elisângela Lopes. **Conceição Evaristo: literatura e identidade.** Agosto de 2021. Disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/199-conceicao-evaristo-literatura-e-identidade-critica> Acesso em 19 dez.2025.

Duarte, Eduardo de Assis. **O negro na literatura brasileira.** Navegações, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras.** Belo Horizonte, Maio de 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-Evaristo>. Acessado em: 12/11/2024

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras.** Belo Horizonte, Maio de 2009

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face.** In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora.* João Pessoa: Ideia Editora Ltda. p. 201-212. 2005.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro. Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição: **A Escrivência e seus subtextos/ Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MATA, Inocência. **Paulina Chiziane e a exposição de um “ossário de interioridades mortais”**. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). *Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013.

PADILHA, Laura, **Capulanas e vestidos de noiva: Leitura de romances de Paulina Chiziane**. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). *Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique*. Curitiba: Appris, 2013.